

Restaurantes querem

DP - COMÉRCIO

Jornal de Brasília

'salgar' os preços

Os cardápios apresentados pelos restaurantes e similares à Superintendência Nacional de Abastecimento do DF, Sunab, estão, na maioria, com preços acima da média. Segundo Rubens Alambert, da Secretaria de Administração da Sunab, existem tabelas «que estão totalmente fora de cogitação», como a de uma lanchonete da Asa Sul que colocou, no seu cardápio, uma porção de batatas fritas ao preço de Cz\$ 80,00.

De acordo com o delegado da Sunab, Paulo Guimarães, os estabelecimentos das cidades-satélites são os que mais estão extrapolando a média. Um restaurante na Ceilândia, por exemplo, deixou um cardápio na Superintendência pedindo autorização para cobrar Cz\$ 90,00 por um comercial e Cz\$ 60,00 pelo prato feito. Esses preços são analisados pela Seção de Pesquisa de Mercado que devolve a tabela se os preços estiverem fora da realidade ou encaminha ao

delegado para que seja autorizada.

Segundo dados fornecidos pelo Sindicato de Hotéis e Similares, em Brasília existem 4.012 estabelecimentos e até o momento apenas 1.130 deram entrada na Sunab com seus cardápios. Paulo Guimarães disse que está tentando autorizar as tabelas em um prazo de três dias ou simplesmente indeferir-las quando não estão com os preços compatíveis com a realidade. Os estabelecimentos que não entregaram o seu cardápio até dia 13 na Sunab, não contará com a tabela carimbada pelo órgão. Isto vai ocasionar uma futura autuação do estabelecimento pela Superintendência.

Cerca de 60 estabelecimentos estão dando entrada nas suas tabelas diariamente na Sunab. Paulo considera este movimento bom e pede aos comerciantes a não deixarem para a última hora. Não quis dizer se haverá uma nova prorrogação argumentando que isso não depende dele e sim da Superintendência.

Realinhamento não faz produtos reaparecerem

O realinhamento de preços ainda não surtiu grandes efeitos sobre os produtos que, na maioria, continua desaparecidos do mercado. Mas a população já está questionando a defasagem de seu salário para enfrentar o futuro mercado de consumo que será reaquescido com reajustes muito acima do gatilho. Vários consumidores se mostraram, ontem, a favor do realinhamento de preços, mas desde que o aumento salarial seja feito na mesma proporção.

Mesmo com esta opinião o consumidor não tem muita ilusão. Para o presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Feirantes, José Alves Cardoso, o trabalhador está com seus salários cada dia mais defasado. Ele atribui esta disparidade ao próprio governo que deu a sua contribuição com os aumentos de taxas de energia, água, telefone, entre outros. Ele criticou o realinhamento de preços que está sendo feito além do gatilho e deu como exemplo o ovo que teve 60% de aumento, o frango com 40%.

Já a consumidora Nelsi Noronha, 32 anos, residente em Taguatinga, disse que o realinhamento que o governo está fazendo não tem o menor sentido. «Não pelo aumento dos preços dos produtos, mas por causa do salário que não está acompanhando», protestou. Na sua opinião o governo deveria ser mais

austero em vez de beneficiar algumas pessoas e prejudicar outras. Para ela o Plano Cruzado foi de grande expectativa «mas fracassou. Uma vez que não foi bem planejado e foi adotado de maneira precipitada», concluiu ela.

Helena Figueiredo, outra consumidora, residente na 113 Sul, falou que o governo deveria realinhar primeiro os salários, depois os preços. Para ela a única vantagem do realinhamento será o reaparecimento dos produtos. «entretanto o consumidor vai chegar ao ponto de não ter condições de adquiri-los». Segundo ela a proporção entre os salários e os preços dos produtos é «muito absurda». Garante ainda que hoje o intermediário e o varejista vão lucrar ainda mais uma vez, que além de contar com o ágio terão mais uma porcentagem de lucro.

O casal Fernando Carmona e Elza Ferreira, residente em Taguatinga é bem mais conformado. «Embora não estejamos satisfeitos somos obrigados a aceitar a medida porque é uma decisão do governo», disseram eles. Sua preocupação foi maior em relação aos preços de aluguéis que representa sua fonte de renda. Também não deixou de dar a sua opinião sobre o realinhamento de preços. «As coisas não devem subir irregularmente e sim de forma mais uniforme e compatível com o salário do trabalhador».

Aumento de 464% traz insatisfação a bancas

«Os banqueiros estão insatisfeitos com o aumento das taxas cobradas». Com esta afirmativa generalizada para a categoria, Joaquim Ferreira, dono de uma Banca de Revistas e Jornais no centro de Ceilândia se referiu ao aumento da taxa de expediente e manutenção cobrada pelo GDF, através da Administração Regional da Satélite.

O preço, que era de 80 cruzados, subiu este mês para 580 cruzados, o que, na sua opinião, é demais. «Não vamos pagar este absurdo», afirmou lembrando em seguida que a Associação dos Banqueiros de Bancas de Revistas e Jornais, que reúne associados das bancas das cidades-satélites e também do Plano Piloto, deverá tomar uma atitude sobre a questão.

Conforme frisou, os lucros obtidos

com a venda de jornais e revistas na sua banca, uma das mais centrais da Ceilândia, não é suficiente para arcar com despesas como esta. Da venda diária, que em média varia de 300 a 400 cruzados, apenas 20% sobre o valor total fica para o banqueiro.

Alguns companheiros não ficaram sequer sabendo deste aumento da taxa. Quando foram fazer o pagamento mensal na Administração Regional é que tomaram consciência do novo desembolso.

Desta forma, uma decisão foi tomada de forma unânime: «Vamos ficar devendo», prosseguiu. A situação deverá se manter até que o novo tabelamento possa ser revisto pelo governo do Distrito Federal.